

V. S. NAIPAUL

Num Estado livre

Tradução
Rubens Figueiredo



Copyright © 1971 by V. S. Naipaul
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

In a Free State

Capa

Sabine Dowek

Preparação

Jacob Lebentsztayn

Revisão

Jane Pessoa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Naipaul, V. S.

Num Estado livre / V. S. Naipaul; tradução Rubens
Figueiredo. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: In a Free State.

ISBN 978-85-359-2347-6

1. Ficção inglesa. I. Título.

13-10075

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

<i>Prólogo, de um diário: O vagabundo no Pireu</i>	7
Um entre muitos	25
Diga quem tenho de matar	72
Num Estado livre	127
<i>Epílogo, de um diário: O circo em Luxor</i>	299

Um entre muitos

Agora sou um cidadão americano e moro em Washington, capital do mundo. Muita gente, tanto aqui como na Índia, vai achar que me dei bem. Mas.

Eu era feliz em Bombaim. Era respeitado, tinha certa posição. Trabalhava para um homem importante. As pessoas mais respeitadas vinham aos meus aposentos de solteiro, desfrutavam minha comida e me cobriam de elogios. Eu também tinha meus amigos. Nós nos encontrávamos de noite no pátio sob a galeria de nossos aposentos. Alguns de nós, como o entregador do alfaiate e eu mesmo, eram empregados domésticos que moravam na rua. Os outros eram pessoas que vinham àquele pedaço de pátio para dormir. Pessoas respeitáveis; não incentivávamos a presença de nenhum zé-ninguém.

De noite fazia frio. Havia poucos passantes e, fora algum táxi ou ônibus de dois andares esporádico, havia pouco trânsito. O pátio era varrido e lavado com esguichos de água, traziam as roupas de cama dos abrigos diurnos para o ar livre, acendiam pequenos lampiões. Enquanto as pessoas no primeiro andar

conversavam e riam, no pátio líamos os jornais, jogávamos cartas, contávamos histórias e fumávamos. O cachimbo de barro passava de um amigo para o outro; ficávamos sonolentos. Exceto, é claro, na época das monções, eu preferia dormir no pátio com meus amigos, embora em nossos aposentos houvesse um cubículo inteiro, embaixo da escada, reservado para meu uso pessoal.

Depois de uma noite saudável ao ar livre, era bom acordar antes do sol e antes da chegada dos varredores. Às vezes eu via as lâmpadas da iluminação da rua se apagarem. As roupas de cama eram enroladas; ninguém falava muito; e logo meus amigos corriam, numa competição silenciosa, para vielas isoladas, becos e terrenos baldios a fim de se aliviarem. Eu era poupadão de tal competição; em nossos aposentos, eu dispunha de instalações sanitárias.

Mais tarde, durante mais ou menos meia hora, eu ficava livre para simplesmente passear. Gostava de caminhar à beira do mar da Arábia, à espera do nascer do sol. Nessa hora a cidade e o oceano rebrilhavam como ouro. Que saudades daquelas caminhadas matinais, daquele súbito deslumbramento do oceano, da brisa úmida e salgada no meu rosto, da minha camisa que sacudia ao vento, do primeiro chá doce e quente tomado numa barraquinha, do sabor do primeiro cigarro de palha.

Vejam os caprichos do destino. O respeito e a segurança que eu desfrutava deviam-se à importância de meu patrão. Foi essa mesma importância que destruiu, de um só golpe, o padrão da minha vida.

Meu patrão tinha o apoio de sua empresa, que prestava serviços ao governo, e foi transferido para Washington. Fiquei feliz por ele, mas tive medo por mim. Ele ia ficar fora durante alguns anos e não havia ninguém em Bombaim a quem ele pudesse me recomendar para trabalhar. Desse modo, em pouco tempo eu estaria desempregado e sem os aposentos onde morava. Por

muitos anos, considerei que minha vida era algo já estabelecido. Havia feito meu aprendizado, tinha vivido tempos difíceis. Não me parecia que eu pudesse recomeçar. Fiquei sem esperança. Haveria ainda um emprego para mim em Bombaim? Eu me imaginei obrigado a retornar para minha aldeia nas montanhas, a retornar para minha esposa e meus filhos, que moram lá, não só para passar as férias, mas para sempre. Eu me imaginei novamente trabalhando de carregador na temporada dos turistas, correndo atrás dos ônibus quando chegavam à rodoviária e gritando, junto com outros quarenta ou cinquenta como eu, me oferecendo para carregar a bagagem. Bagagem Indiana, não essas malas leves dos americanos! Baús pesados, feitos de metal!

Eu podia ter chorado. Aquilo não era mais o tipo de vida para o qual eu estivesse preparado. Eu tinha ficado menos resistente em Bombaim e já não era jovem. Havia adquirido bens, me habituara à privacidade de meu cubículo. Tinha me tornado um homem da cidade, me habituara a certos confortos.

Meu patrão disse: “Santosh, Washington não é Bombaim! Washington é um lugar caro. Ainda que eu tivesse condições de aumentar sua remuneração, você não poderia viver lá de uma forma que sequer lembrasse seu estilo atual de vida”.

Mas voltar a andar descalço na montanha, depois de viver em Bombaim? O choque, a vergonha! Eu não ia conseguir encarar meus amigos. Parei de dormir na calçada e passava a maior parte possível do tempo livre dentro do meu cubículo, como se quisesse ficar entre as coisas que em breve seriam tiradas de mim.

Meu patrão disse: “Santosh, meu coração sangra por você”.

Falei: “*Sahib*, se pareço um pouco apreensivo é só porque me preocupo com o senhor. O senhor sempre foi muito exigente e não entendo como vai conseguir se arranjar em Washington”.

“Não vai ser fácil. Mas é uma questão de princípio. Por acaso

os representantes de um país pobre como o nosso viajam levando seu cozinheiro? Será que isso vai criar uma boa impressão?”

“O senhor sempre faz o que é correto, *sahib*.”

Ele ficou em silêncio.

Depois de alguns dias, disse: “Não é só a despesa, Santosh. Há também a questão do câmbio internacional. Nossa rúpia não é mais o que era”.

“Compreendo, *sahib*. A obrigação está acima de tudo.”

Quinze dias depois, quando eu havia quase perdido as esperanças, ele disse: “Santosh, consultei o governo. Você vai me acompanhar. O governo aprovou, vai providenciar acomodações para você. Mas não as despesas. Você vai tirar seu passaporte e o visto. Mas quero que pense bem, Santosh. Washington não é Bombaim”.

Desci para a calçada naquela noite com minhas roupas de cama.

Falei, tirando a camisa: “Bombaim está ficando cada vez mais quente”.

“Você sabe o que está fazendo?”, perguntou o entregador do alfaiate. “Será que os americanos vão fumar com você? Vão sentar e conversar com você de noite? Vão segurar sua mão e caminhar a seu lado na margem do oceano?”

Fiquei contente ao ver que ele estava com ciúmes. Meus últimos dias em Bombaim foram muito felizes.

Fiz as duas malas da bagagem do meu patrão e arrumei meus pertences em trouxas feitas com pedaços de algodão velho. No aeroporto, os funcionários criaram o maior caso por causa de minhas trouxas. Disseram que não podiam aceitar aquilo no compartimento de bagagem do avião porque não queriam assumir a responsabilidade. Então, na hora de embarcar, tive de

subir na aeronave com todas as minhas trouxas. A garota lá no alto, que sorria para todo mundo, parou de sorrir quando me viu. Encaminhou-me direto para a traseira do avião, bem longe de meu patrão. Lá, a maioria dos bancos estavam vazios, pude espalhar minhas trouxas à vontade e, na verdade, ficou bastante confortável.

Do lado de fora estava muito claro e quente, dentro estava frio. O avião deu partida, subiu no ar e Bombaim e o oceano se inclinaram para um lado e depois para o outro. Foi muito bonito. Quando nos estabilizamos, olhei em volta à procura de gente como eu, mas entre os indianos e os estrangeiros não consegui ver ninguém que parecesse um empregado doméstico. Pior ainda, todos estavam vestidos como se fossem para um casamento e, meu caro, logo percebi que não eram eles os extravagantes. Eu estava com minhas roupas comuns de Bombaim, a túnica larga e comprida, a calça folgada presa na cintura por uma espécie de cordão. Um traje de empregado doméstico perfeitamente respeitável, nem sujo nem limpo, e em Bombaim ninguém teria sequer olhado para mim. Mas agora no avião percebi que as cabeças se viravam toda vez que me levantava da poltrona.

Eu estava inquieto. Tirei meu sapato, apertado mesmo sem os cadarços, e levantei os pés. Isso fez que eu me sentisse melhor. Preparei para mim uma pequena mistura de bêtele e isso fez que eu me sentisse ainda melhor. No entanto, metade do prazer do bêtele está em cuspi-lo depois; e foi só quando eu já tinha mascado um bom bocado e minha boca estava cheia que me dei conta de que estava com um problema. A aeromoça também percebeu. Aquela garota não gostou nem um pouco de mim. Falava comigo com voz ríspida. Minha boca estava cheia, minhas bochechas estavam estufadas demais e eu não podia falar nada. Só podia olhar para ela. A aeromoça foi lá dentro e chamou um homem de uniforme, e ele veio e ficou de pé ao meu lado. Calcei meus

sapatos de novo e engoli o suco do bétele. Aquilo me causou um tremendo enjoo.

A garota e o homem, os dois, empurraram um carrinho cheio de bebidas pelo corredor entre as poltronas. A garota nem olhava para mim, mas o homem disse: “Quer uma bebida, amigo?”. Não era um mau sujeito. Apontei para uma garrafa ao acaso. Era uma espécie de refrigerante, gostoso e picante no início, mas depois já não ficou tão gostoso assim. Fiquei apreensivo quando a garota falou: “Cinco xelins esterlinos ou sessenta centavos americanos”. Aquilo me pegou de surpresa. Não tinha nenhum dinheiro, só umas poucas rúpias. A garota bateu o pé no chão e achei que ela fosse me bater com seu bloquinho quando me levantei para mostrar a ela quem era meu patrão.

Meu patrão logo veio pelo corredor entre as poltronas. Não parecia estar muito bem. Falou, sem parar enquanto passava: “Champanhe, Santosh? Já estamos passando dos limites?”. E foi para o banheiro. Quando passou de novo, disse: “O câmbio internacional, Santosh! O câmbio!”. E foi só isso. Pobre homem, também estava sofrendo.

A viagem se tornou um desgosto para mim. Com o vinho que bebi, e com o suco do bétele, com o movimento e o barulho do avião, em pouco tempo eu estava vomitando em cima de minhas trouxas, e nem me importava mais com o que a garota dizia ou fazia. Mais tarde, vieram necessidades mais prementes e terríveis. Senti que ia sufocar no cubículo sibilante no fundo do avião. Tive um choque quando vi minha cara no espelho. Sob a luz da lâmpada fluorescente, eu tinha a cor de um cadáver. Meus olhos estavam abatidos, o ar cortante feria meu nariz e parecia alcançar meu cérebro. Subi na privada e fiquei de cócoras. Perdi o controle de mim mesmo. O mais rápido que pude, voltei para o ar comparativamente livre da cabine do avião e torci para ninguém notar nada. Agora as luzes estavam mais fracas; algumas pessoas

tinham tirado o paletó e dormiam. Eu estava torcendo para o avião cair.

Agarota me acordou. Estava quase gritando: “É você, não é? Não é você?”.

Pensei que ela fosse rasgar e arrancar minha camisa. Recuei e me inclinei com força para a janela. Ela desatou a chorar e quase tropeçou no sári na hora em que correu pelo corredor a fim de chamar o homem de uniforme.

Pesadelo. E tudo o que eu sabia era que em algum lugar no final, depois dos aeroportos e das salas de espera entupidas de gente, onde todo mundo estava muito bem vestido, depois de todas aquelas decolagens e aterrissagens, ficava a cidade de Washington. Eu queria que a viagem terminasse de uma vez, mas nem por isso podia dizer que queria chegar a Washington. Já estava um pouco assustado com aquela cidade, para dizer a verdade. Tudo que eu queria era sair do avião e ficar ao ar livre de novo, pisar em terra firme, respirar e tentar compreender que horas eram.

Afinal, chegamos. Eu estava atordoado. Como as trouxas eram pesadas! Houve mais salas fechadas e mais luzes elétricas. Houve perguntas dos funcionários.

“Ele é funcionário diplomático?”

“É meu empregado doméstico”, respondeu meu patrão.

“Essa é a bagagem dele? O que é isso dentro do bolso dele?”

Fiquei envergonhado.

“Santosh”, falou meu patrão.

Puxei do bolso os pacotinhos de pimenta e sal, os doces, os envelopes de guardanapos perfumados, os sachês de mostarda. Quinquilharias que a empresa aérea oferece. Eu tinha juntado aquilo durante a viagem inteira, apanhava um punhado na mão toda vez que passava na cozinha, por mais que estivesse me sentindo mal na hora.

“Ele é cozinheiro”, disse meu patrão.

“Ele sempre viaja levando temperos?”

“Santosh, Santosh”, disse meu patrão depois, no carro. “Em Bombaim, não importava o que você fazia. Aqui, você representa seu país. Posso lhe dizer que não comprehendo por que seu comportamento já se tornou tão inadequado.”

“Desculpe, *sahib*.”

“Encare a questão assim, Santosh. Aqui, você não só representa seu país: você representa a mim.”

Para o povo de Washington, já era o final da tarde ou o início da noite, eu não sabia qual dos dois. A hora e a luz não combinavam, como acontecia em Bombaim. Daquela viagem de carro, me lembro de campos verdes, vias largas, muitos carros passando depressa, com um zumbido constante, um zumbido que nada tinha a ver com o barulho do trânsito em Bombaim. Lembro-me de prédios altos e de parques amplos; muitas áreas de bazares; depois casas menores sem cercas e com jardins feito moitas, com uns *hubshi** de pé ou sentados, em geral sentados mesmo, em toda parte. Lembro-me sobretudo dos *hubshi*. Tinha ouvido umas histórias sobre eles e tinha visto um ou dois em Bombaim. Mas nunca havia sonhado que aquela raça selvagem existisse em número tão grande em Washington e tivesse permissão para vagar pelas ruas com tamanha liberdade. Ó, pai, que lugar é este para onde vim?

Eu dizia que queria ficar ao ar livre, respirar, voltar ao normal, refletir. Mas naquela noite eu não ia ver nenhum ar livre. Do avião para o prédio do aeroporto, para o carro, para o prédio de apartamentos, para o elevador, para o corredor e o apartamento propriamente dito, fiquei o tempo todo fechado, o tempo todo debaixo daquele zumbido, o zumbido do ar-condicionado.

* Negros da Abissínia ou da Etiópia. (N. T.)

Estava zonzo demais para avaliar o apartamento. Vi que era só mais um lugar de passagem. Meu patrão foi para a cama na mesma hora, completamente esgotado, pobre homem. Olhei em volta, à procura de meu quarto. Não consegui achar e desisti. Sofrendo com saudades dos costumes de Bombaim, estendi minhas roupas de cama no corredor acarpetado do lado de fora da porta do apartamento. O corredor era comprido demais: portas, portas. O teto iluminado era decorado com estrelas de tamanhos diferentes; as cores eram cinza, azul e dourado. Abaixo daquele céu de mentira, eu me senti um prisioneiro.

Ao acordar e olhar para o teto, pensei por um segundo apenas que tinha adormecido no pátio sob a galeria onde ficavam nossos aposentos em Bombaim. Então me dei conta de minha desorientação. Eu não sabia dizer quanto tempo havia passado nem se era noite ou dia. A única pista eram os jornais que agora estavam diante de algumas portas. Eu me perturbava ao pensar que enquanto eu estava dormindo, sozinho e indefeso, tinha sido observado por um desconhecido e talvez até por mais de um desconhecido.

Tentei abrir a porta do apartamento e vi que eu estava trancado do lado de fora. Não quis perturbar meu patrão. Pensei em sair ao ar livre, fazer uma caminhada. Lembrei onde ficava o elevador. Entrei e apertei o botão. O elevador desceu ligeiro e sem fazer barulho, e parecia que eu estava de novo no avião. Quando o elevador parou e a porta de metal azul abriu, vi corredores retos de concreto e paredes vazias. O barulho de máquinas era muito alto. Eu sabia que estava no porão e que a porta principal não estava muito longe de mim. Mas eu não queria mais arriscar; abandonei a ideia de sair para o ar livre. Achei que devia simplesmente voltar para o apartamento. Só que não notei qual

era o número e nem mesmo sabia qual era o andar em que estávamos. Minha coragem fugiu de mim. Sentei no chão do elevador e senti as lágrimas descerem dos olhos. Quase sem fazer barulho nenhum, as portas do elevador fecharam e vi que eu estava sendo levado silenciosamente para cima, em grande velocidade.

O elevador parou e a porta abriu. Era meu patrão, o cabelo despenteado, a camisa do dia anterior parcialmente desabotoada. Parecia assustado.

“Santosh, aonde você foi a essa hora da manhã? E sem sapatos.”

Minha vontade era abraçar meu patrão. Ele me fez voltar depressa e passar pelos jornais até nosso apartamento e levei as roupas de cama para dentro. A janela larga deixava ver o céu do início da manhã, a cidade grande; estávamos bem no alto, muito acima das árvores.

Disse: “Não consegui achar meu quarto”.

“É aprovado pelo governo”, disse meu patrão. “Tem certeza de que procurou direito?”

Procuramos juntos. Um corredorzinho dava no banheiro do quarto dele; outro corredor, mais curto, dava num cômodo grande e na cozinha. Não tinha mais nada além disso.

“Aprovado pelo governo”, disse meu patrão, enquanto se movia pela cozinha e abria as portas da despensa. “Entrada privativa, estantes. Eu tenho as cartas.” Abriu outra porta e olhou lá dentro. “Santosh, você acha possível que seja isto o que o governo quis dizer?”

O cubículo que ele abrira era da altura do resto do apartamento e da largura da cozinha, mais ou menos uns dois metros. Tinha mais ou menos um metro de profundidade. Tinha duas portas. Uma porta dava para a cozinha; a outra porta, na posição oposta, dava para o corredor.

“Entrada privativa”, disse meu patrão. “Estantes, luz elétrica, pontos de luz, tapete feito sob medida.”

“Isto deve ser o meu aposento, *sahib*.”

“Santosh, algum inimigo no governo fez isto comigo.”

“Ah, não, *sahib*. O senhor não deve dizer isso. Além do mais, é muito grande. Vou poder me instalar com todo conforto. É muito maior do que meu pequeno cubículo nos aposentos de Bombaim. E tem um teto bonito e liso. Não vou ficar batendo com a cabeça.”

“Você não entende, Santosh. Bombaim é Bombaim. Aqui, se começarmos a viver em cubículos, vamos dar uma impressão ruim. Vão achar que em Bombaim todos nós moramos em cubículos.”

“Ah, *sahib*, mas é só eles olharem para mim para verem logo que sou uma pessoa simples.”

“Você é muito bom, Santosh. Mas essa gente é maldosa. Apesar de tudo, se você está contente, eu também estou contente.”

“Eu estou muito contente, *sahib*.”

E depois de todo o transtorno, eu estava mesmo contente. Era bom se preparar para dormir naquele início de noite, desdobrar minhas roupas de cama e sentir-me protegido e oculto. Dormi muito bem.

De manhã, meu patrão me disse: “Temos que conversar sobre dinheiro, Santosh. Seu salário é de cem rúpias mensais. Mas Washington não é Bombaim. Aqui, tudo custa um pouco mais caro e vou lhe dar um aumento para compensar os custos mais elevados. A partir de hoje, você vai ganhar cento e cinquenta rúpias”.

“*Sahib*.”

“E também vou lhe dar o pagamento de quinze dias adiantados. Em moeda estrangeira. Setenta e cinco rúpias. A dez centavos de dólar a rúpia, dá setecentos e cinquenta centavos. Sete

dólares e cinquenta centavos americanos, no total. Tome aqui, Santosh. Hoje à tarde, você dê uma volta, ande um pouco e aprecie o lugar. Mas tome cuidado. Não estamos entre amigos, lembre-se disso.”

Então, afinal, repousado e com dinheiro no bolso, saí para o ar livre. E, é claro, a cidade não era nem de longe tão assustadora como eu imaginava. Os edifícios não eram especialmente grandes, nem todas as ruas eram movimentadas, e havia muitas árvores bonitas. Um monte de *hubshi* circulava, alguns com caras muito bravas, óculos escuros e cabelos frisados e arrepiados, mas parecia que, se a gente não mexesse com eles, também não iam atacar a gente.

Eu estava procurando um café ou uma barraquinha de chá onde talvez os empregados domésticos se reunissem. Mas não vi nenhum empregado doméstico e fui escorraçado do lugar onde acabei entrando. A garota falou, depois que fiquei esperando um tempo: “Não sabe ler? Não servimos hippies nem pessoas descalças”.

Ó, pai! Acabei saindo para a rua sem meus sapatos. Mas que país, pensei, enquanto andava depressa para longe, que país é esse onde as pessoas nunca têm permissão de se vestirem normalmente e são obrigadas a andar sempre com suas melhores roupas? Por que precisam usar sapatos e roupas finas sem nenhum motivo? Que ocasião estão reverenciando? Quanto desperdício, quanta presunção! Quem é que eles acham que está olhando para eles o tempo todo?

E na mesma hora em que esses pensamentos passavam por minha cabeça, percebi que eu tinha ido parar numa praça redonda, com árvores e um chafariz, onde — era como a realização de um sonho, até difícil de acreditar — havia muitas pessoas que pareciam gente do meu povo. Apertei o cordão na cintura da minha calça folgada, puxei para baixo as abas da minha túnica larga e corri no meio do trânsito para o círculo verde.

Alguns dos *hubshi* estavam ali, tocavam instrumentos musicais e pareciam felizes à sua maneira. Havia alguns americanos sentados na grama, no chafariz e no meio-fio. Muitos usavam roupas rústicas, de aspecto amigável; havia alguns descalços; e percebi que eu tinha me afobado demais ao condenar a raça inteira. Mas não foi aquela gente que me atraiu para o círculo. Foram os dançarinos. Os homens eram barbados, descalços e com túnicas cor de açafrão; as garotas vestiam sáris e usavam sapatos de lona que pareciam os nossos sapatos Bata. Brandiam pequenos címbalos, cantavam, erguiam e baixavam a cabeça enquanto se moviam numa roda, levantando um bocado de poeira. Era um pouco parecido com uma dança de índios peles-vermelhas num filme de caubói, só que estavam cantando palavras em sânscrito numa prece ao Senhor Krishna.

Fiquei muito contente. Mas então um pensamento perturbador me veio à cabeça. Pode ter sido por causa da aparência meio casta dos dançarinos; pode ter sido por causa da maneira como pronunciavam mal as palavras em sânscrito e seu sotaque. Pensei que aquelas pessoas agora eram estrangeiros, mas que um dia, quem sabe, tinham sido que nem eu. Talvez, como numa história, eles tivessem sido trazidos para cá entre os *hubshi*, como cativos, muito tempo antes, e se tornaram um povo perdido, como o povo cigano errante em nossa própria terra, e acabaram esquecendo quem eram. Quando pensei isso, perdi o prazer com a dança; e senti pelos dançarinos o tipo de desgosto que sentimos quando encaramos alguma coisa que devia ser afim a nós, mas acaba revelando que não é, acaba revelando que é uma coisa degenerada, feito um homem deformado, ou um leproso, que visto de longe parece íntegro.

Não fiquei ali. Não muito longe do círculo, vi um café que parecia servir pessoas descalças. Entrei, pedi um café, um bom pedaço de bolo e ainda comprei um maço de cigarros; os fósforos,

me deram de graça, junto com os cigarros. Estava tudo muito bem, mas aí os descalços começaram a olhar para mim e um sujeito barbado chegou perto, me cheirou fazendo barulho, sorriu e falou uma espécie de algaravia sem sentido, e então outros descalços vieram me cheirar também. Não eram inamistosos, mas não gostei daquele comportamento; e quando saí do local, foi um pouco assustador descobrir que dois ou três deles pareciam estar me seguindo. Não eram inamistosos, mas eu não queria arriscar. Passei por um cinema; entrei. Era mesmo uma coisa que eu queria fazer. Em Bombaim, eu ia ao cinema uma vez por semana.

E foi tudo bem. O filme já tinha começado. Era em inglês, não foi muito fácil, para mim, acompanhar, e me deu tempo para pensar. Foi só ali, no escuro, que pensei no dinheiro que eu estava gastando. Os preços pareciam bastante razoáveis, como os preços de Bombaim. Três pelo ingresso do cinema, um e cinquenta pelo café, com a gorjeta. Só que eu estava pensando em rúpias e pagando em dólares. Em menos de uma hora, tinha gastado o pagamento de nove dias.

Depois disso, não consegui mais assistir ao filme. Saí e comecei a fazer o caminho de volta para o edifício de apartamentos. Muitos outros *hubshi* estavam na rua agora e vi que, nos lugares onde se reuniam, a calçada ficava molhada e também perigosa por causa das garrafas e dos copos quebrados. Eu não consegui pensar em cozinhar quando voltei para o apartamento. Não consegui suportar nem olhar para a paisagem. Desenrolei minhas roupas de cama dentro do meu cubículo, deitei no escuro e esperei o regresso de meu patrão.

Quando chegou, falei: “*Sahib*, quero ir para casa”.

“Santosh, paguei cinco mil rúpias para trazer você para cá. Se eu mandar você de volta agora, vai ter de trabalhar seis ou sete anos sem receber nenhum salário para poder me reembolsar o que gastei.”

Desatei a chorar.

“Meu pobre Santosh, alguma coisa aconteceu. Conte o que foi que aconteceu.”

“*Sahib*, gastei mais de metade do adiantamento que o senhor me deu hoje de manhã. Eu saí, tomei um café, um bolo e depois fui ver um filme.”

Os olhos dele ficaram pequenos e cintilantes atrás dos óculos. Mordeu a parte de dentro do lábio superior, mordiscou o bigode com os dentes inferiores e falou: “Está vendo, está vendo? Bem que eu falei que era caro”.

Compreendi que eu era um prisioneiro. Aceitei isso e me adaptei. Aprendi a viver dentro do apartamento e até fiquei calmo.

Meu patrão era um homem de bom gosto e em pouco tempo o apartamento ficou com a cara dessas coisas que a gente vê numa revista, com livros e pinturas indianas, panos indianos, esculpturas e estátuas de bronze dos nossos deuses. Eu tomava cuidado para não me encantar com aquilo. Era muito bonito, é claro, sobretudo a paisagem. Mas a paisagem continuava a ser estrangeira e nunca tive a sensação de que o apartamento fosse real, como os velhos aposentos surrados de Bombaim, com as cadeiras de bambu, nem que tivesse qualquer coisa a ver comigo.

Quando vinham pessoas jantar, eu cumpria minha obrigação. Na hora devida, eu dava boa noite para os convidados, fechava a cozinha por trás de um biombo e fingia que saía do apartamento. Então eu me deitava dentro do meu cubículo, sem fazer barulho, e fumava. Eu era livre para sair; tinha minha entrada privativa. Mas eu não gostava de ficar fora do apartamento. Não gostava nem de ir à lavanderia, que ficava no porão do prédio.

Uma ou duas vezes por semana, ia ao supermercado em

nossa rua. Sempre tinha de passar pelos grupos de homens e crianças *hubshi*. Tentava não olhar, mas era difícil. Ficavam sentados na calçada, nas escadas e nos arbustos em volta de suas casas de tijolos vermelhos, algumas delas tinham as janelas bloqueadas por tábuas. Pareciam muito ser um povo que vivia ao ar livre, com pouca coisa para fazer; mesmo de manhã, alguns homens já estavam embriagados.

Espalhadas no meio das casas dos *hubshi*, havia outras casas tão velhas quanto elas, mas com lampiões a gás acesos dia e noite na entrada. Eram as casas dos americanos. Era raro eu ver essa gente; não passam muito tempo na rua. Os lampiões a gás acesos eram o jeito americano de dizer que, embora a casa parecesse velha por fora, era bonita e nova por dentro. Eu também tinha a impressão de que era um aviso para que os *hubshi* ficassem longe dali.

Fora do supermercado, havia sempre um policial armado. Dentro, tinha sempre dois policiais *hubshi* com cassetetes e, atrás dos caixas, alguns mendigos velhos *hubshi* com roupas esfarrapadas. Também havia uma porção de jovens rapazes *hubshi*, pequenos, mas musculosos, à espera para carregar os embrulhos, do mesmo jeito que no passado, na montanha, eu esperava os ônibus para carregar a bagagem dos turistas indianos.

Essas idas ao supermercado eram minhas únicas saídas e eu sempre ficava contente ao voltar para o apartamento. O trabalho ali era leve. Eu via muita televisão e meu inglês melhorou. Comecei a gostar muito de alguns comerciais. Era nesses comerciais que eu via os americanos que na vida real eu via muito raramente e só conhecia por seus lampiões a gás. Lá do alto, do apartamento, com uma vista para as cúpulas brancas e para as torres e a vegetação da famosa cidade, eu entrava nos lares dos americanos e os via limpando aquelas casas. Via os americanos limpando o chão e lavando os pratos. Via os americanos comprando roupas e

lavando roupas, comprando carros e lavando carros. Via os americanos, limpando, limpando.

O efeito em mim de toda essa televisão foi curioso. Se por acaso eu via algum americano na rua, tentava encaixar o homem ou a mulher nos comerciais que eu assistia em casa; e ficava com a impressão de que havia apanhado a pessoa num intervalo entre suas obrigações na televisão. Então, até certo ponto, os americanos continuaram sendo, para mim, pessoas não de todo reais, mas pessoas temporariamente ausentes da televisão.

Às vezes um *hubshi* aparecia na tela da tevê, não para falar de coisas dos *hubshi*, mas para fazer alguma limpeza por sua conta. Só que não era a mesma coisa. Ele era diferente demais dos *hubshi* que eu via na rua e sabia que era um ator. Sabia que suas obrigações na televisão eram só um faz de conta e que em breve ele teria de voltar para a rua.

Um dia, no supermercado, quando a garota *hubshi* pegou meu dinheiro, cheirou o ar e disse: “Você tem sempre um cheirinho doce, meu bem”.

Ela era amigável e no final fui capaz de desvendar aquele mistério, o do meu cheiro. Era a ervazinha do campo que eu fumava. Era um costume de camponês do qual eu tinha certa vergonha, para dizer a verdade; mas a moça do caixa me animou. Aconteceu que eu tinha trazido uma quantidade da erva comigo, de Bombaim, dentro de uma de minhas trouxas, junto com cem lâminas de barbear, porque achei que as duas coisas, as lâminas e a erva, eram coisas puramente indianas. Ofereci um pouco para a garota. Em troca ela me ensinou algumas palavras em inglês. “Eu sou preta e linda” foi a primeira coisa que me ensinou. Depois apontou para o policial armado do lado de fora e me ensinou: “Ele é o porco”.